



1
RESSURREIÇÃO

Ressurreição! A madrugada flórea!...
O céu brilhando, em mágica oferenda...
Estranho à nova luz que se desvenda,
Vejo as telas antigas da memória.

E' minha mãe, contando velha história,
A corrente do rio a fazer renda,
A cana soluçando na moenda
E a pátria serra olhando a altura inglória!...

(*) Depois de fazer o curso primário e os preparatórios em Teresina, transferiu-se Da Costa e Silva para o Recife, onde, sómente em 1913, veio a bacharelar-se em Direito. Foi funcionário público do Ministério da Fazenda, ascendendo a altos postos. Durante quase dez anos viveu o poeta em Belo Horizonte, mudando-se, posteriormente, para o Rio, onde desencarnou. «A sua poesia» — escreveu Andrade Muricy — «trazia uma exaltação luminosa, um inebriamento comunicativo. Era alguém

O caminho estrelado principia...
A morte abriu as fontes da alegria,
Na taça da amplidão que se descerra!

Fulge o carro da vida renascente,
Mas volvo à sombra e choro a dor pungente
Da saudade sem fim de minha terra!...

2
REENCARNAÇÃO

De cimo a cimo, a ideia viva esbarro...
Luzem constelações... O Céu rutila...
Estrelas resplendentes fazem fila,
Multicores vagões do Etéreo Carro.

Mas revejo, enlevado, o sol da vila...
O regaço materno, ansioso, agarro;
Ouço meu pai de crônico pigarro
E a voz do lar por música tranquila.

Fito a mesa singela, o caldo, a broa;
O velho cão rafeiro geme à toa...
25 Ah! Saudades! Sois tudo quanto exerce!...

que cantava, mas com uma virtuosidade harmoniosa e forte, um belo ímpeto arrebatado.» (Amarante, Piauí, 28 ** de Novembro de 1885 — Rio de Janeiro, Gb, 29 de Junho de 1950.)

BIBLIOGRAFIA: Sangue; Zodíaco; Verhaeren; Verônica; etc.

** Andrade Muricy (Pan. Mov. Simb. Bras., III, pág. 27) dá 23 como o dia de nascimento.

25. Note-se a apóstrofe.

Preces a Deus, em lágrimas, transponho...
 Aspiro a refazer a vida e o sonho,
 28 Quero chorar nos júbilos do berço!...

Em êxtase, contemplo os sóis em bando,
 Arcturo, Aldebarã, Sírius, Antares,
 E o caminho onde os anjos tutelares
 Passam ébrios de júbilo, cantando...

3

VERSONS A MINHA MÃE

Pássaro preso no recinto escasso
 30 Do velho canavial, beirando o rio,
 Quis ver o mundo vasto e conheci-o,
 Varando, em pleno voo, o azul do espaço...

Lembro-me agora... Enceguecido, abraço
 A exaltação, a glória e o poderio...
 Mas tudo, minha Mãe, era vazio
 Fora do amor que brilha em teu regaço.

Vi mil chagas de dor que a fama incensa
 Nos nervos de ouro da cidade imensa,
 E prazeres em trágico desmando...

Mas no colo a que, em sonho, me recostas,
 Tenho apenas teu vulto de mãos postas,
 Que teu filho recorda, soluçando...

Bebo a vida imortal em que me expando,
 Nos perfumes e cores de outros ares.
 Surgem novos impérios estelares,
 Na glória do Universo, fulgurando!...

Mas ouve, Mãe, em pleno Lar Celeste,
 Recordo o berço humilde que me deste,
 Ao pranto de alegria em que me inundo...

Muito mais que na luz do imenso Espaço
 Pulsa, no imenso amor de teu regaço,
 O próprio coração de Deus no mundo...



28. Falando sobre a poesia de Da Costa e Silva, afirmou Fernando Góes (*Pan. V*, pág. 146): “Foi bem o cantor da saudade, ele confessava ter vindo ao mundo para ter saudade.” E como não poderia deixar de ser, o artista de “Saudade” continua sendo o cantor da saudade, ansioso, agora, por ver novamente paisagens terrestres em novo corpo de carne...

30. Leia-se *ca-na-vial*, com sinérese.